

Arte Negra na Escola Contra o Desdém e a Invisibilidade

Eduardo Ferreira Veras
(UFRGS / CBHA)

RESUMO

Esta comunicação corresponde a um relato de experiência sobre a produção de material didático concebido em apoio ao cumprimento da lei 10.639/03, que prevê o ensino de cultura africana e afro-brasileira nos níveis Fundamental e Médio, tanto na rede pública quanto nas escolas privadas de todo o Brasil. *Arte negra na escola* é uma coleção de cartões em formato A4, com reproduções de obras de arte, informações básicas sobre seus autores e sugestões de atividades a serem desenvolvidas em ambiente escolar, evitando os modelos mais tradicionais do tipo modos-de-usar. O projeto de extensão foi elaborado pelo autor da presente comunicação e por um grupo de professoras da rede municipal e estadual de ensino do Rio Grande do Sul, além de um professor de instituto federal, em articulação promovida pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da UFRGS.

Palavras-chave

Arte negra. Ensino de arte. Material didático.

*

RESUME

Cette communication correspond à un rapport d'expérience sur la production de matériel didactique destiné à soutenir l'accomplissement de la loi 10.639 / 03, qui prévoit l'enseignement de la culture africaine et afro-brésilienne aux niveaux élémentaire et secondaire, dans les écoles publiques et privées de tout le Brésil. *Arte negra na escola* c'est une collection de cartes au format A4, avec des reproductions d'œuvres d'art, des informations de base sur les auteurs et des suggestions d'activités à développer dans l'environnement scolaire, en évitant les modèles plus traditionnels comme modes d'utilisation. Le projet d'extension a été élaboré par l'auteur de cette communication et par un groupe d'enseignants du réseau éducatif du Rio Grande do Sul, en plus d'un professeur d'un institut fédéral, en articulation promue par le Département de l'éducation et du développement social de l'UFRGS.

Mots-clés

Art noir. Enseignement artistique. Matériel didactique.

Gosto de atender convocatórias. É sempre um esforço interessante cumprir aquilo que nos demandam e, se for o caso, subverter isso de alguma maneira. Funciona também como convite para se pensar criticamente a respeito do que se anda fazendo. No caso da chamada do CBHA para 2019, sob o título geral de *Inquietações e estratégias da História da Arte*, imaginei que atenderia melhor ao enunciado se oferecesse uma comunicação não sobre algo que eu venha exatamente *pesquisando*, mas sobre aquilo que, na academia, chamamos de *projeto de extensão*: ações, eventos e programas que buscam um diálogo mais franco com a sociedade, com quem não atua de modo direto na academia.

Optei então por um relato de experiência acerca da produção recente de certo material didático. O projeto chama-se *Arte negra na escola* e corresponde a uma coleção de 15 cartões em formato A4, em cores e preto e branco, gramatura 140g, com reproduções de obras de arte de três artistas negros nascidos no Rio Grande do Sul, a razão de cinco obras cada um.

O ponto de partida foi a lei 10.639 de janeiro de 2003, uma das primeiras assinadas pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, logo no início de seu primeiro governo. A lei prevê o ensino de cultura e história africana e afro-brasileira nos níveis Fundamental e Médio, tanto na rede pública quanto nas escolas privadas de todo o Brasil – “em especial”, segundo os termos da lei, “nas áreas de Educação Artística, Literatura e História”.

Desde a edição da 10.639/03, o Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), órgão ligado à Pró-Reitoria de Extensão, passou a receber pedidos de professores e professoras, sobretudo da rede pública, para que se produzisse algum encarte didático que lograsse facilitar o cumprimento da lei em sala de aula.

Em 2017, o DEDS montou uma equipe especialmente para o desenvolvimento desse material. Integravam o grupo cinco professoras das redes públicas de Ensino Fundamental e Médio, atuantes em escolas das cidades de Porto Alegre, Canoas e São Leopoldo, mais um recém-egresso do Instituto de Artes, também professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Porto Alegre, e eu.¹

Em um primeiro momento, discutimos os conceitos de cultura e arte afro-brasileira. Partimos da trilha aberta pelo antropólogo Mariano Carneiro da Cunha no capítulo dedicado à produção afro-brasileira na célebre *História geral da arte no Brasil*, organizada na primeira metade dos anos 1980 pelo professor Walter Zanini. Essa trilha, depois continuada por nomes de referência como Marta Heloisa Leuba Salum e nosso colega Roberto Conduru, tende a identificar como *afro-brasileira* a arte que retoma formulações estéticas e religiosas da tradição africana e/ou que aborda contextos socioculturais do negro no Brasil, independentemente de ela ser produzida ou não por afrodescendentes.

Ao mesmo tempo, não deixamos de considerar perspectivas historiográficas como a do Museu Afro-Brasil, que inclui em seu escopo de interesse a produção artística de artistas negros que não se ocupam de questões ligadas à negritude – caso, por exemplo, dos pintores, descendentes de africanos escravizados, que frequentaram a Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro do século XIX e trabalharam à moda europeia, como Estevão da Silva (c. 1844 – 1891), hábil pintor de naturezas-mortas, ou Antônio Firmino Monteiro (1855 – 1888), paisagista.

¹ Participaram da equipe as professoras Andreia Soares Marques, Guadalupe da Silva Vieira, Lisiane Moresco, Nora Cinel e Véra Neusa Lopes, além do professor Estevão da Fontoura e eu. Pelo DEDS, atuaram no projeto Patrícia Xavier dos Santos e a diretora do órgão, Rita dos Santos Camisolão.

Levamos em conta, ainda, visões mais recentes, como as defendidas por Igor Simões e Hélio Menezes, que não escamoteiam seu caráter político e reivindicativo e discutem tanto a racialização de homens e mulheres como negros e negras quanto o continuado apagamento de sua presença em espaços institucionais ou na historiografia da arte.

Acabamos escolhendo um caminho talvez intermediário: decidimos trabalhar exclusivamente com artistas de ascendência africana, mas que, em suas obras, trouxessem à tona de modo explícito a experiência de ser negro ou negra no Brasil.

Optamos por dois artistas de formação moderna, pouco conhecidos de um público mais amplo: Pelópidas Thebano (Porto Alegre, 1934), servidor do estado, que atuava como desenhista técnico profissional, que foi figurinista de blocos de Carnaval de rua em Porto Alegre e que, só tardiamente, depois de aposentado, passou a se dedicar à pintura, e Carlos Alberto de Oliveira, o Carlão, nascido em 1951 e falecido em 2013, aos 62 anos. Funcionário em uma escola de arte, que hoje leva seu nome, em Novo Hamburgo, cidade em que é uma referência, Carlão chegou a participar e ganhar prêmio na Bienal Naïf do Brasil, realizada em 1996, em Piracicaba, mas permanece à sombra no contexto geral da arte no país. Foi um artista notável, de composições sofisticadas e original concepção de padronagens, conjugando intuição e pesquisa extensiva. Representava figuras humanas próximas da abstração e cenas típicas da vida urbana. Thebano, por sua vez, destaca-se pelo colorismo e pelo gosto narrativo de suas imagens. Na série escolhida para este *Arte negra na escola*, ele representa o trajeto geográfico e temporal da diáspora africana.

Por fim, elegemos um artista contemporâneo, Leandro Machado (Porto Alegre, 1970). Com títulos de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais pela UFRGS e especialização em Saúde Mental, Machado começa a despontar no cenário nacional, já com incursões no exterior. Primeiro lugar no Prêmio de Arte Contemporânea da Aliança Francesa em 2017, ele trabalha com um amplo repertório poético, que passa pelo desenho, pela pintura, pela fotografia, pela escultura, pelo objeto ou pela caminhada como estratégia artística. Da mesma forma, suas investigações vão desde questões formais até temas associados, por exemplo, ao racismo estrutural no Brasil, sempre com soluções vivas, inteligentes e estimulantes.

Thebano, Carlão e Machado são representantes de três diferentes gerações, com linguagens, técnicas e trajetórias também diversas, mas as obras de cada um deles, a sua maneira, podem estimular exercícios e discussões sobre a cultura negra no país, as lutas dos afrodescendentes e os preconceitos enfrentados na vida cotidiana. A escolha por esses nomes partiu de um levantamento prévio já existente em arquivos do DEDES sobre artistas negros no Rio Grande do Sul. Pesou, sobretudo, a percepção de que, apesar da qualidade notável de seus trabalhos, eles são mantidos sob apagamento, ou pelo menos com um reconhecimento algo desproporcional.

Definidos os nomes, passamos a examinar material didático produzido por instituições referenciais, como a Bienal de São Paulo, a Bienal do Mercosul, a Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre) e a Fundação Vera Chaves Barcellos (Viamão). Aqui, foi fundamental a experiência de sala de aula das professoras participantes. Para mim, devo admitir, uma importante lição. Elas se mostravam muito incomodadas com o material que fosse prescritivo demais. Preferiam sempre aqueles que apenas sugeriam, a partir das imagens, a abordagem de temas mais específicos.

Escolhemos então cinco imagens de cada artista, apresentando no verso de cada cartão uma ficha técnica da obra, informações biográficas básicas sobre cada um dos artistas, eventuais links na internet que deem acesso a outros trabalhos do mesmo autor e sugestões de atividades a serem desenvolvidas em ambiente escolar, evitando, como já anotei, os modelos mais tradicionais, do tipo passo-a-passo ou modos-de-usar. Por

exemplo, um dos cartões de Carlão reproduzia um desenho seu de 2005, da série *Cabeças*, em preto e branco, com um tom de cinza. No verso, o enunciado propunha:

Em seus retratos de figura humana, Carlos Alberto de Oliveira, por vezes revestiu o rosto com o que parece ser uma máscara. Em sala de aula, use esta imagem para propor uma pesquisa sobre os significados das máscaras para as diferentes culturas africanas, em distintos momentos da história. Em outra oportunidade, os alunos podem comparar ocorrências de máscaras na cultura europeia (por exemplo, no carnaval veneziano ou na pintura de Picasso) e na cultura ocidental de um modo geral (nos folguedos do Norte e Nordeste do Brasil, nas histórias em quadrinhos, particularmente em seus super-heróis).²

Em outro cartão, dedicado à série *Livro* (2011), são reproduzidos dois trabalhos de Leandro Machado. Em um, ele escreve com marcador permanente na capa de um livro didático de História a seguinte frase: “Folheio, folheio e não me vejo”. No outro, ele recorta, também na capa de um livro escolar, a frase “Educação que escraviza”. No verso do cartão, propõe-se:

A série em que Leandro Machado intervém sobre capas de livros didáticos de História, ora recortando, ora escrevendo diretamente, reflete a percepção do artista, que, do ponto de vista identitário étnico-racial, não se vê representado naquelas narrativas. Sua crítica nos convida a também sermos protagonistas como autores de nossa própria história. Sugestão: a partir da análise de livros didáticos, jornais, revistas e anúncios publicitários, construir uma narrativa coletiva que sirva de contraponto às representações identitárias dominantes.³

Os cinco cartões consagrados a Pelópidas Thebano reproduzem pinturas de uma mesma série, sem título, produzida em 2003, em acrílico sobre tela. Em cores fartas e chamativas, o conjunto de forte apelo figurativo oferece compõe uma sequência narrativa. No verso, lê-se:

Depois de se aposentar como desenhista técnico da prefeitura de Porto Alegre, Pelópidas Thebano passou a se dedicar integralmente à pintura e à escultura, ganhando projeção e reconhecimento como artista. Sua pintura, que se vale de diferentes técnicas e materiais, inclusive cola colorida, carrega ainda as marcas do desenho. Pelópidas compôs uma série que evoca a diáspora africana e aponta seus desdobramentos nas sociedades ocidentais. Seguindo uma sequência cronológica, o artista começa pela partida forçada dos negros africanos e a chamada travessia de Calunga Grande, registrando depois a escravatura nas lavouras e, adiante, a inserção dos negros nos parques industriais das grandes cidades. As imagens podem estimular conversas e atividades que abordem, por exemplo, as relações contemporâneas entre Brasil e África, incluindo as novas migrações, sobretudo a presença de jovens senegaleses a partir dos anos 2000.⁴

² ARTE NEGRA NA ESCOLA. Porto Alegre, v. 1, n. 1, junho 2018. Pró-Reitoria de Extensão, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Idem, *ibidem*.

Esse primeiro fascículo de *Arte negra na escola* foi lançado no segundo semestre de 2018, com distribuição gratuita. Também está disponível para ser acessado, em formato pdf, a partir do site oficial do DEDS.⁵

Não há ainda um retorno sistematizado da aplicação desse material em sala de aula. Até por ser muito aberto, ele é apenas ponto de partida para um sem número de atividades. O grupo de trabalho está elaborando um questionário para medir a eficácia do projeto.

Existe também o plano de lançar um segundo fascículo ainda em 2020. Dessa vez, o plano é privilegiar artistas mulheres negras, que ficaram obliteradas no primeiro fascículo. No material, ainda em construção, entrariam a jovem Mitti Mendonça (São Leopoldo, 1990) e a fotógrafa Irene Santos (Porto Alegre, 1947), além de Paulo Só, refinado mestre da xilogravura, tristemente invisibilizado no sistema de arte do Rio Grande do Sul.

Não vou defender que se trata de algo excepcional, admirável ou exemplar, mas, em um momento de tantos retrocessos sociais e políticos como aqueles que acompanhamos no Brasil contemporâneo, esse projeto afigura-se como uma pequena peça de resistência. Penso igualmente que, trilhando um caminho marcado por *inquietações* e também por *estratégias*, esse primeiro fascículo de *Arte negra na escola* poderá contribuir (minimamente que seja) para a construção de novas possibilidades narrativas no campo da História da Arte. Estou considerando aqui tanto as crises internas da própria disciplina, a partir do texto referencial de Hans Belting, que, já nos anos 1980, reclamava do quanto a disciplina vinha se mostrando demasiado eurocêntrica e excludente, quanto as revisões mais recentes, que incorporam os debates multiculturais, pós-coloniais e decoloniais, nos convidando a ajustar o olhar que voltamos à produção artística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emanuel. *A mão afro-brasileira – Significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Tenenge, 1988.

ARTE NEGRA NA ESCOLA. Porto Alegre, v. 1, n. 1, junho 2018. Pró-Reitoria de Extensão, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BELTING, Hans. *O fim da História da Arte*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

CARNEIRO DA CUNHA, Mariano. “Arte afro-brasileira”. In: ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1983. CONDURU, Roberto.

CONDURU, Roberto. *Arte afro-brasileira*. Belo Horizonte: C /Arte, 2007.

MENEZES NETO, Hélio Santos. *Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

⁵ Disponível em <http://www.ufrgs.br/deds/publicacoes/material-pedagogico>

SALUM, Marta Heloísa Leuba. "Vistas sobre arte africana no Brasil: lampejos na pista da autoria oculta de objetos afro-brasileiros em museus". In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 25, n. 2, 2017.

SIMÕES, Igor. *Montagem fílmica e exposição: vozes negras no cubo branco da arte brasileira*. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.